



Protestos pela ótica do Google Glass: uma análise das potencialidades de amplificação da vigilância do cidadão

Protests seen through Google Glass: an analysis of potential amplification of citizen surveillance

Eduardo Campos Pellanda*

RESUMO

O contexto da mobilidade da informação inaugurou uma nova perspectiva para diferentes formas de protestos. Agora, com a iminência de produtos comerciais que fazem parte de uma categoria chamada “computação de vestir”, ou *wearables*, temos novos debates de potencialidades. Este texto usa como exemplo desta categoria o *Google Glass* que está em testes por diversas pessoas e deve se tornar um produto comercial em breve. O artigo analisa os protestos e manifestações urbanas no contexto da mobilidade, vigilância e relações do corpo na cidade.

Palavras-chave: Mobilidade; Protestos; *Wearables*; *Google Glass*, Vigilância.

ABSTRACT

The context of mobility of information opened up a new perspective for different forms of protests. Now, with the imminent commercial products that are part of a category called *wearables*, we have new discussions on potentials. This text uses the example of *Google Glass*, already being used in test trials, which should become a commercial product soon. This article looks at protests in the context of mobility, surveillance and body relations in the city.

Keywords: Mobility; Protests; *Wearables*; *Google Glass*; surveillance.

INTRODUÇÃO

As diversas formas de manifestações públicas em larga escala foram evoluindo ao longo da história sempre com o viés de oposição, exposição ou comemoração. Os motivos, contextos e formas de expor alguma ideia ou sentimento coletivo estão intimamente ligados a como um tópico será registrado e propagado. Com as primeiras formas de registros em texto ou imagens veio também intrinsecamente o olhar do produtor desta informação. A consequente dinâmica de edição e mediação do conteúdo gera de forma espontânea ou intencional distorções características de todo o processo de comunicação. Esta constatação nos leva ao claro esquema onde existem mais etapas entre a captura e a leitura de uma informação e há automaticamente maior potencial de ruídos. Esta questão independe de estarmos tratando de ambientes digitais ou analógicos de informação. Contudo, as

* Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. Endereço: Av. Ipiranga 6681, Porto Alegre RS, Prédio 7, Bairro Partenon, 90619-900, Porto Alegre, RS, Telefone: (51) 3320 3569. Email: eduardo.pellanda@puccrs.br.

características do conteúdo digital permitem uma velocidade e geografia em rede da informação (CASTELLS 2003) que precisam ser analisadas de forma diferente. Esta perspectiva, aliada ao crescente desenvolvimento das várias formas de redes sem fio, e dos dispositivos que as acessam, alimentam a engrenagem da comunicação *always-on* (PELLANDA 2005) e as diversas interações públicas como, por exemplo, as manifestações.

Talvez a questão central da informação digital em rede esteja justamente na quebra de etapas entre os nós que compõem o ambiente. A informação pode estar em sua forma mais bruta, ou *raw*, sem edições e escolhas de *gatekeeping*. No projeto Locast (PELLANDA 2010), desenvolvido entre a PUCRS e o MIT para explorar o uso de smartphones como mídia de captura de informações, já foi possível perceber que os vídeos de aparelhos celulares apresentam uma forma de linguagem própria, que estava atrelada ao sistema simples e direto de captura. A percepção em entrevistas realizadas posteriormente foi de que as pessoas tinham uma sensação de credibilidade e veracidade ao visualizar o material não editado. A manipulação exige escolhas e supressões e ela precisa estar vinculada a um contrato tácito com a audiência. Talvez este seja o impacto causado pelo movimento Mídia Ninja¹ nos protestos ocorridos em 2013 no Brasil, onde o grupo transmitiu os eventos via câmeras conectadas aos *modems* 3G sem nenhum corte e estando *in loco* entre os manifestantes. Esta característica, assim como no Locast, permite a sensação de uma realidade sem filtros. De forma proposital a palavra "sensação" foi utilizada aqui pois claramente em qualquer mediação há o pressuposto do complexo processo de manipulação e interpretação de uma realidade. Talvez este seja um contraponto a uma extensa edição e pós-produção a que os vídeos para a TV são submetidos hoje. As imagens "puras" funcionariam como um olhar não contaminado, o que, novamente, gera a sensação de uma maior grau de veracidade.

Mas, a outra questão deste episódio é a narração das imagens do ponto de vista dos manifestantes, com o olhar em primeira pessoa. Imagens capturadas na altura da cabeça do cinegrafista já são usadas como padrão há muitos anos. Se o foco é nas pessoas, então a lente tem que simular o ângulo para que o espectador tenha a sensação de teletransporte para o local. Neste momento, algumas tecnologias *wearable*² podem amplificar ou alterar formas de narração de protestos públicos. Talvez a mais latente seja o *Google Glass*³, que ainda está em fase de experimentação pela empresa norte-americana, mas que pelo investimento observado até este momento deve ser tornar um produto público no ano de 2014. Trata-se de um dispositivo com componentes parecidos com um smartphone e todo desenhado para ser anexado à moldura de óculos, como pode ser observado na Figura 1. Ele inclui um visor que é projetado em um espelho na frente do olho direito da pessoa e uma câmera capaz de captar fotos e vídeos.

¹ Ninja é uma sigla para Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Pode ser visualizada em <https://www.facebook.com/midiaNINJA>

² *Wearable* do Inglês: vestir. Este é o termo usado para tecnologias que estão sendo usadas presas de alguma forma ao corpo.

³ <http://www.google.com/glass/start/>

Figura 1



Fonte: Divulgação Google

O *Google Glass* pode estar sempre conectado à internet através de uma rede WiFi ou pela conexão Bluetooth do smartphone. O indivíduo pode tanto receber informações de forma contínua, *always-on*, como enviar fotos e vídeos para sites ou redes sociais. Na atual versão de desenvolvimento, é possível fazer um *Hangout*⁴ e transmitir ao vivo o que usuário está enxergando, pois a câmera está posicionada na parte da frente do aparelho. Como é uma peça que se “veste” ele se incorpora ao sujeito de uma forma ainda mais profunda que o aparelho celular. A captura de uma cena pode ser feita ao apertar um botão ou realizar um comando de voz, eliminando o tempo de tirar o celular do bolso e ligá-lo. A evolução dos componentes faz crer que em poucos anos poderemos gravar vídeo continuamente ao longo do dia e ir armazenando na rede os dados. Esta é a realização de uma meta-memória, que ainda pode ser contextualizada com reconhecimentos de rostos, caracteres e posição geográfica.

Não estamos aqui falando só de um protótipo de produto que esta em vias de se tornar público, mas uma representação de um grau maior de intensidade da relação das pessoas com a ubiquidade da informação. O *Glass* é uma evolução natural, e sem filtros, da super exposição, da vigilância e da extrema conexão. São superlativos que salientam justamente este aparelho como um ápice da evolução do PC até o *tablet*, passando pelos smartphones. Se a relação com os dispositivos computacionais eram pessoais no final da década de 70 e passaram a ser hiper-pessoais com os dispositivos móveis dos anos 00 (PELLANDA 2005), esta nova forma de janela para o ciberespaço (LEVY 1996) é uma extensão do corpo. Os óculos, tradicionais, são próteses que corrigem as deformações naturais de cada indivíduo e nos amplificam e modificam a visão. Eles se tornam “invisíveis” para o usuário. Um óculo que recebe e transmite imagens e informações é também amplificação em alguns casos, mas sobretudo expansão para novos olhares. Neste caso, o *Google Glass* tem duas direções: ele provê

⁴ Serviço atrelado a rede social Google+ que permite a transmissão e conversações via vídeo.

o indivíduo com informações constantes numa imersão *always-on* e ao mesmo tempo é um dispositivo de vigilância através da câmera.

Evidentemente, este grau de relação ciborgue entre o homem e a máquina também potencializa em todas as direções as questões de privacidade e comunicação interpessoal. No seu início, o smartphone com câmera era barrado em alguns lugares por questões de privacidade. Os códigos sociais de conduta não estavam programados para decifrar as situações de fotos ubíquas. Do mesmo modo, no começo do século 19 as pessoas também não estavam preparadas para lidar com as câmeras portáteis que a Kodak conseguiu colocar nas mãos dos amadores⁵. O cruzamento de um padrão social com uma tecnologia pode causar choques que quebram o percurso em novas direções. O *Google Glass* não é o único, mas é sim um representante de uma geração de dispositivos que pode estar registrando cenas de modo quase que invisível para o interlocutor. Assim como as câmeras escondidas usadas por jornalistas investigativos sempre geraram debates sobre os limites éticos para os seus usos e aplicações, tecnologias *wearable* elevam o grau da discussão porque colocam agora o "Jornalista Cidadão" (GILMOR, 2004) capturando cenas do cotidiano de forma massiva. Os indivíduos já possuem uma câmera conectada no bolso, e isso foi uma ruptura da forma como entendemos os fatos. Outros ângulos começaram a serem capturados em guerras e eventos cotidianos. Olhares aguçados, ou distraídos, geraram imagens ubíquas que formataram novas linguagens a partir do instantâneo. Redes sociais como o *Instagram*⁶ nasceram neste contexto, onde a comunicação por texto fica no segundo plano e a captura do presente é a tônica principal.

Ao traçar este quadro, torna-se claro que o registro e a expansão informacional de manifestações urbanas assume uma outra forma pela intensidade do fluxo de informação. Desde as primeiras manifestações que se beneficiaram da comunicação em rede móvel até este momento observa-se uma transformação na forma e no engajamento dos movimentos. Os primórdios foram marcados pelos usos do SMS⁷ como forma de comunicação: os ativistas primeiro difundiam o evento para outras pessoas que multiplicavam a mensagem de forma viral. Este fenômeno foi claramente detectado na Espanha depois dos atentados de 2004, em que a população auto-organizou a maior manifestação pública em Madri desde o final da Segunda Grande Guerra. É importante ressaltar que a proliferação da mensagem com o chamamento ocorreu em um intervalo de horas.

Em um contexto e um tempo diferentes, as massivas manifestações no Brasil em 2013 também mostraram características similares, mas já contando com a atualização do ambiente comunicacional. As passeatas foram sempre organizadas de forma muito rápida e trocando de destinos quase que em tempo real. Com a maior possibilidade de comunicação em rede também houve uma rápida sincronia no discurso que pautava que não se tratava somente de um protesto pelo aumento de R\$ 0,20 centavos nas passagens do transporte público e que também era uma manifestação sem bandeiras de partidos políticos. Esses ideais foram rapidamente aceitos e incorporados de maneira rizomática em todo o país, como é a característica da comunicação em rede.

⁵ Informação do artigo da revista Time: Fears of Google Glass Are Unfounded (<http://wp.me/p1RTSY-8uu>)

⁶ <http://instagram.com>

⁷ SMS: Short Message Service - Também conhecido no Brasil por torpedos.

Figura 2



Fonte Reprodução de vídeo: <http://goo.gl/1sRSbU>

Ao utilizar o *Google Glass* em meio a uma multidão nas comemorações do dia independência dos EUA⁸, um dos usuários do Glass, o Relações Públicas Chris Barrett, realizou uma prova de conceito neste tipo de filmagem em primeira pessoa e pode realmente perceber a maneira de entendermos um evento como este.

Ao observar o vídeo, reproduzido pela Figura 2, é possível entender que as narrações sem edições e o movimento da câmera, acompanhando a atenção pelos fatos, dão a sensação de transporte do espectador para a cena. Ao vislumbrar um evento com várias narrações de diferentes posições pode-se entender o potencial de leitura deste acontecimento por alguém que consuma o conteúdo compartilhado por diferentes pessoas. Voltando para as manifestações de 2013 no Brasil, foi possível verificar que existiam diferentes grupos com ações e reações díspares. Os dois principais núcleos foram o das pessoas com intenções pacíficas em oposição aos que buscavam a atenção pelas depredações. Em alguns momentos eles estavam juntos tentando dialogar e em outros se separaram. Observar e acompanhar em tempo real os diversos espaços geográficos e suas mutações poderia dar uma percepção mais holística do evento.

Ao comentar sobre a vigilância por *bots*⁹ no começo do serviço do Gmail, pela Google, Bruno (2006, p.153) comenta que:

Em primeiro lugar, trata-se de uma vigilância que não mais isola e imobiliza indivíduos em espaços de confinamento, mas que se aproxima ou mesmo se confunde com o fluxo cotidiano de trocas informacionais e comunicacionais. Uma vigilância que se exerce menos com o olhar do que com sistemas de coleta, registro e classificação da informação; menos sobre corpos do que sobre dados e rastros deixados no ciberespaço; menos com o fim de

⁸ <http://blog.media.mit.edu/2013/07/google-glass-and-eyewitnessjournalist.html>

⁹ Sistema automatizado de processamento de informações. No caso do Gmail é usado para leituras de palavras para contextualizar com anúncios.

corrigir e reformar do que com o fim de projetar tendências, preferências, interesses.

A própria Google é agora protagonista de outro dispositivo que transcende esta questão dos dados. As imagens geradas pelos indivíduos também podem ser analisadas e processadas para diversos fins. Dispositivos *wearable* como o Glass podem ser ainda mais eficientes em não só detectar palavras, como no Gmail, mas também metadados de localização e comportamentos. A mobilidade tem uma mão dupla em relação a vigilância e emancipação de indivíduos:

A difusão das tecnologias móveis de comunicação (telefones celulares, laptops, palmtops), da computação pervasiva e dos sistemas informacionais de geolocalização (Geographic information system - GIS, Global positioning system - GPS) são centrais na crescente imbricação entre vigilância e mobilidade, uma vez que tais tecnologias, embora não sejam projetadas especificamente para o exercício da vigilância, incluem em sua própria engrenagem sistemas de monitoramento das ações, informações, comportamentos e comunicações de seus usuários. Neste contexto, a mobilidade, que antes poderia, em certos casos, ser uma forma de escapar à vigilância ou transgredi-la, se torna seu meio privilegiado: estar em movimento ou ser móvel significa, muitas vezes, estar sujeito à vigilância e ao monitoramento, uma vez que não há mais distância material, espacial, temporal ou informacional que se interponha entre o sistema de vigilância/monitoramento e o sujeito/objeto vigiado. (BRUNO, 2009, p.138)

Desta forma, novamente pode-se transpor os mesmos efeitos de dispositivos móveis para uma realidade ainda mais ubíqua, caso dos *wearables*. A relação aqui não é só de amplificação, mas também de inauguração de algumas formas mais intensas de conexão e vigilância. Ao propor o termo “vigilância distribuída” Bruno (2009) ainda ressalta a tendência que os dispositivos móveis apresentam de tornar mais ubíquos e incorporados aos dispositivos os modos de monitoramento. A autora ressalta contudo que não se trata de uma vigilância total ou panóptica, mas sim de uma outra forma de distribuição.

Ao observarmos uma outra realidade sócio cultural representada pelos diversos desdobramentos e manifestações ocorridas durante a Primavera Árabe, foi possível identificar não só o papel da Internet, como também o dos dispositivos móveis na dinâmica dos acontecimentos. O vazamento de informações era o ponto de resistência dos povos que tentavam romper com a camada de controle dos Estados. A mobilidade do acesso e transmissão de informações caracterizou de forma latente a distribuição de informação como explicam Malini e Antoun (2012, p.70):

A presença da internet nesses países é sinônima, ao mesmo tempo, de um novo modo de monitoramento social (os regimes fechados têm conseguido de forma mais fácil e rápida identificar e eliminar os dissidentes), e de um modo de descontrole total da circulação da informação, à medida que a utopia delirante da criação de um povo homogêneo, com identidade cunhada por símbolos nacionalistas, se vê confrontada com a desutopia marcada pela emergência das vozes próprias e comuns, articuladas e formadas em rede, que disseminam e dão visibilidade na web àquilo que o Estado busca esconder.

Desta forma, novamente pode-se imaginar estes mesmos efeitos amplificados e alterados por meios de comunicação ainda mais incorporados nos indivíduos e vislumbrar ainda maiores desdobramentos desses fenômenos. Se dispositivos móveis já trouxeram uma distribuição que tirou do controle destes Estados a possibilidade de formatação e filtragem da informação, a computação de vestir é uma forma de todos os corpos serem também ativos na descentralização dos discursos. O corpo como nó da rede é potencializado pela tecnologia que viabiliza uma nova emancipação. Evidentemente, esta questão também pode ser vista como controle por empresas ou Estados por trás delas, como comentado anteriormente. Portanto, discussões em torno da neutralidade da rede são fundamentais para que a internet continue em um processo evolutivo de auto-organização.

Ainda sobre a questão da relação do corpo com a tecnologia, é pertinente observar que o sucesso das manifestações é medido constantemente pela presença física das pessoas. Não há necessariamente na imprensa ou no governo um cruzamento entre presenças físicas e informações geradas antes, durante e depois do evento. Portanto, ainda há uma exacerbação do corpo como elemento de protesto. Nesta questão, a mobilidade oriunda dos novos dispositivos móveis já provoca uma interpolação do corpo com o espaço cibernético como aponta Santaella (2009, p.131)

[...] não há oposição, mas sim intensificação das ligações entre o espaço de fluxos e o espaço de lugar. Ruas, monumentos e praças são interfaceados pelo espaço de fluxo por meio dos diversos dispositivos de conexão às informações digitais. Como se pode ver, tanto as redes telemáticas sempre se instalaram em lugares físicos, quanto as comunidades virtuais eletrônicas nunca deixaram de viver em áreas limítrofes entre a cultura física e a virtual, de modo que o crescimento dos espaços eletrônicos nunca caminhou na direção de uma dissolução das cidades, dos corpos, do mundo físico, mas sim para a intersecção do físico com o ciberespacial.

Antes da mobilidade, os corpos agiam como cardumes onde um indivíduo passa a informação para o mais próximo fisicamente. A mobilidade trouxe um fator *smart* para esta multidão e insere novas possibilidades de comunicação e não necessariamente ações antigas revisitadas como lembra Rheingold (2003, p.xiv)

...o novo regime tecnológico será uma nova mídia, não simplesmente um meio de checar as ações na bolsa ou e-mails no trem ou surfar na Web enquanto se anda na rua. Internet móvel, quando ela realmente aparecer, não será só uma maneira de se fazer coisas antigas enquanto nos movemos. Será uma maneira de fazer coisas que não se podia fazer antes.

Em 2003, Rheingold falava no tempo futuro sobre os impactos da tecnologia móvel nos centros urbanos. Mais de dez anos depois está clara esta realidade, como pode-se perceber em conteúdos nativos do ambiente da mobilidade, como as informações com contexto geo-posicionado. Serviços de redes sociais na internet como o *Foursquare*¹⁰ conectam informações de lugares físicos com a posição em que o indivíduo se encontra. Então, da mesma forma pode-se fazer um exercício de potencialidades para poder compreender os desdobramentos que dispositivos como o *Google Glass* e outros artefatos de computação para vestir podem proporcionar. A

¹⁰ <http://foursquare.com>

mobilidade trouxe o acesso *always on*, mas os *wearables* permitem uma intimidade maior do corpo com a informação. Não é preciso retirar o aparelho do bolso, ligá-lo e abrir a aplicação de fotografia para registrar uma imagem. A captura de uma cena agora pode ser feita com um gesto da cabeça, do olho ou por comando de voz. A velocidade entre a intenção e a ação parece estar cada vez mais diminuta.

As manifestações revelam um potencial grande de alteração em suas dinâmicas de funcionamento. Uma multidão em comunicação constante, com múltiplos registros e distribuída geograficamente pode fazer com que rapidamente aconteçam alterações de rumos tanto conceituais como de fluxos físicos ao longo do acontecimento. Os “*Smartmobs*” pelo efeito da coletividade em rede podem até mesmo ter uma nova identidade coletiva que é oriunda de uma conversação constante.

Pode-se então perceber que os *wearables* não consistem em uma mera ampliação do quadro atual de conectividade e vigilância, mas sim de uma forma extremamente intensa de trocas onde há uma nova relação entre o indivíduo e a informação que o cerca. Os corpos atuantes nas ruas não serão mais os mesmos em que outrora eram isolados pela desconexão com o resto da multidão. Emergem, também, formas de vigilância em duas vias que consistem em uma informação mais íntima dos indivíduos. Com efeito, o mesmo empoderamento que a conexão constante dará para os usuários do *Google Glass* também levanta possibilidades de novas vigilâncias por parte de grandes organizações. A transparência nos contratos sociais de uso serão decisivos para que os *wearables* tenham sentido de existir.

Artigo recebido em 20/01/2014 e aprovado em 05/03/2014

REFERÊNCIAS

BRUNO, Fernanda. Dispositivos de vigilância no ciberespaço: duplos digitais e identidades simuladas. **Revista Fronteira**, São Leopoldo/RS, v. 8, p. 152-159, 2006.

BRUNO, Fernanda. Vídeo-vigilância e mobilidade no Brasil. In: LEMOS, A.; JOSGRILBERG F. **Comunicação e mobilidade** : aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil, Salvador: EDUFBA, 2009.

CASTELLS, M. A Galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

GILLMOR, D. **We the media** – Grassroots by the people, for the people. Sebastopol: O’Reilly Media, 2004.

LEMOS, A. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MALINI, Fabio; ANTOUN, Henrique. Monitoramento, vazamentos e anonimato nas revoluções democráticas das redes sociais da internet. **Revista Fronteiras**, São Leopoldo, Unisinos, n.14, 2012.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade na comunicação. (Tese de Doutorado). Porto Alegre, RS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, 2005.

_____. Projeto Locast como exemplo de pesquisa aplicada em comunicação. In: CASALEGNO, Federico; PELLANDA, Eduardo Campos. **Locast civic media internet móvel, cidadania e informação hiperlocal**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

RHEINGOLD, H. **Smart mobs**. Cambridge: Perseus Publishing, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. Revisitando o corpo na era da mobilidade. IN: LEMOS. A.; JOSGRILBERG, F. **Comunicação e mobilidade** : aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.